

CAPÍTULO 1

Permitam-me que recorde a minha experiência no estudo da política mundial. Há mais de cinquenta anos, quando eu estava a frequentar o meu doutoramento em ciência política, o campo centrava-se principalmente nos diplomatas e chefes de estado. Essa era a forma primordial pela qual os indivíduos eram considerados relevantes nos assuntos internacionais. Desde então, tenho observado – e ajudado – a minha disciplina a expandir-se para além da interacção entre os estados e os seus diplomatas: hoje, a maioria dos académicos concentram-se nos estados-nação, nas organizações e nas instituições. Durante bastante tempo, tal parecia uma aproximação razoável e racional ao estudo da política mundial.

Durante a última década, comecei a pensar que isto talvez já não fosse o caso. Cada vez mais via anomalias que não poderiam encaixar na moldura padrão do campo. Escrevi uma trilogia de livros que tentou identificar e explicar as fontes destas anomalias: primeiro, um livro acerca de mudança, chamado *Turbulence in World Politics*;¹ depois *Along the Domestic-Foreign Frontier*,² acerca de governo; e finalmente, *Distant Proximities*,³ a minha contribuição para a literatura da globalização. Estes livros foram escritos primordialmente para outros académicos – estudantes universitários e professores de relações internacionais – mas ultimamente suspeito que eles poderão vir a ser relevantes para um público ainda mais vasto.

¹ *Turbulence in World Politics: A theory of Change and Continuity* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990).

² *Along the Domestic-Foreign Frontier: Exploring Governance in a Turbulent World* (Cambridge: Cambridge University Press, 1997).

³ *Distant Proximities: Dynamics beyond Globalization* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003).

Há um tema recorrente nos três livros e que se destaca como central que é, nomeadamente, o aumento contínuo da perícia e das capacidades dos indivíduos. Chamo a isto a “revolução da perícia” e, da primeira vez que o abordei, foi enquanto parâmetro de mudança em *Turbulence*. Onde quero chegar, muito simplesmente, é ao facto de que as pessoas se estão a tornar mais peritas e que, conforme o vão fazendo, as suas orientações e relações entre si próprias e as suas organizações sofrem mudança. Elas tornam-se mais comprometidas, mais envolvidas, mais capazes de moldar o seu mundo.⁴

A maioria dos académicos em ciência política tende a ignorar este movimento, mas ele está-se a tornar cada vez mais evidente nas notícias e em todo o lado. Considere o ocorrido no Verão de 2005, no qual uma mulher da Califórnia, Cindy Sheehan, que tinha perdido um filho no Iraque, acampou no exterior do rancho de férias do presidente, no Texas, na esperança de conseguir um entrevista com ele para lhe perguntar por que é que o filho dela tinha sido enviado para morrer numa guerra remota. O Presidente Bush recusou-se a recebê-la, e o seu protesto isolado cresceu rapidamente, ao ponto de várias pessoas terem viajado de bastante longe para a acompanhar no seu protesto. Subsequentemente, surgiram protestos anti-guerra por todo o país, dando azo a uma mudança perceptível no clima político da nação. Com efeito, essa pessoa sozinha activou uma rede dormente que acabou por gerar consequências.

Resumindo, é enganador pensar nos assuntos mundiais como sendo conduzidos exclusivamente por grandes colectividades como governos, corporações, universidades, igrejas, e coisas desse género. Tais macro-organizações são certamente centrais para o decurso dos acontecimentos, mas também o são as pessoas ao nível do micro. Elas tornaram-se importantes nas mais diversas formas, desde indivíduos cujas reputações, feitos e posições valorizam as suas opiniões públicas até pessoas que, colectivamente, partilham as políticas de uma organização, que são publicitadas para a consideração de outros.

Assim sendo, a ideia central neste livro é a de que **AS PESSOAS CONTAM!** Conforme as mudanças económicas, sociais e políticas aceleram a velocidades cada vez maiores, conforme o tempo e o espaço continuam a encolher com a inovação impiedosa das novas tecnologias para movimentar pessoas e ideias por todo o mundo, as pessoas – enquanto pessoas – tornaram-se cada vez mais importantes. Para que esta constatação

⁴. Uma versão refinada da revolução da perícia é apresentada aqui no Capítulo 3.

se torne útil termos, no entanto, que introduzir rigor analítico – neste caso, o conceito de “papéis”. O próximo capítulo detém-se neste conceito, mas é fácil pô-lo sucintamente: cada um de nós tem papéis diferentes que representamos nas nossas vidas. A razão pela qual isto é importante para a política mundial é que, cada vez mais, somos capazes de escolher os papéis através dos quais enfrentamos o nosso mundo, e de definir esses mesmos papéis após os havermos escolhido. Isto não é nada mais do que uma mudança radical nos assuntos internacionais e um desafio para todas as organizações, instituições e governos que tentam adjudicar ou constringir os papéis das pessoas sob a sua jurisdição.

A sala de aula enquanto lar

Antes de prosseguir para preocupações mais analíticas, quero partilhar mais acerca do papel que ocupei durante mais de cinco décadas em quatro universidades: o de professor. Para mim, tal como para muitos daqueles que passam as suas vidas profissionais com estudantes – quer seja em pé à sua frente, sentado numa mesa com eles, ou aconselhando-os individualmente – leccionar é mais do que uma forma de ganhar a vida. É, ao invés, um meio pelo qual sirvo um compromisso de partilhar ideias, elaborar pensamentos, e trocar perspectivas. De facto, se uma pessoa quiser maximizar o seu rendimento salarial, o ensino não é a carreira indicada para se seguir. Os professores, de todos os níveis, não são bem pagos e poderiam ganhar mais dinheiro em várias outras ocupações. Ainda assim a maioria escolhe ficar na sala de aula. É uma espécie de lar, um local onde as ideias fluem, os pensamentos são concorridos, a informação é fornecida, e as mentes são expandidas enquanto parte dos processos de crescimento – qualidades que não podem ser medidas em termos de rendimento salarial.

Para além dos seus escritórios, nos quais participam em partilhas de ideias em um para um, os professores têm várias salas de aulas, dependendo do sítio onde trabalhem. Nas escolas primárias as suas salas de aula estão preenchidas com mesas e cadeiras baixas, nas quais os alunos brincam, desenham e aprendem a ler. Nos liceus os seus lares são salas com cadeiras em filas para cerca de trinta ou mais alunos. Nas universidades e institutos superiores os seus lares variam desde enormes anfiteatros até pequenas salas de aula e laboratórios. Apesar da variação, cada tipo de sala é um lar, um sítio onde os professores praticam a sua arte,

leccionam informação, lidam com perguntas estimulantes e levantam as suas próprias questões.

Qualquer que seja o seu tamanho e qualquer que seja a sua configuração, a sala de aula tem uma mobília indispensável: o quadro (e o giz com o qual nele se escreve). O quadro serve vários propósitos, dependendo do tipo de alunos. Para alunos mais jovens o quadro é utilizado para introduzir novas palavras e a forma como elas são escritas; em níveis mais avançados é usado para enumerar conceitos, resolver equações e formular questões. Poderá também ser educacional no sentido de que a maioria dos professores não apagam o que escrevem no quadro quando a aula termina, apresentado assim ideias e ligações que parecem tão inteligíveis quanto intrigantes para o utilizador seguinte da sala. Desde há muito que tenho o hábito de, ostensivamente, parar e ler o que está no quadro quando chego para começar a minha aula, esperando desse modo não só demonstrar as utilidades e virtudes da curiosidade aos alunos mas também descobrir o que se passa nas outras aulas.

Formar o cidadão e o especialista

Dependendo do nível dos alunos que estejam a instruir, os professores elaboram formas diferentes de apresentar ideias e provocar reacções nos alunos. Na primária, no ensino básico e no ensino secundário os professores são responsáveis por fornecer as perícias e o conhecimento básico que as crianças precisam para se transformarem em adultos maduros e em cidadãos responsáveis. Os professores universitários estão encarregados de apresentar, aos estudantes, disciplinas académicas em vários campos, e de ajudá-los a começar a adquirir peritagem através da especialização numa determinada disciplina. Aqueles que dão cursos graduados são responsáveis por formar estudantes numa disciplina e por apresentá-los às fronteiras do seu campo. Deles também se espera que se embrenhem em pesquisa inovadora que acabe por ser publicada e que sirva para empurrar mais além as fronteiras da sua disciplina. A sua devoção leva, frequentemente, a que sejam apelidados de “académicos”. É nesta posição que leciono há várias décadas. Considero-me tanto um professor como um académico, sendo que este livro é apenas o último numa longa linha de publicações.

Muitos estudantes e alguns professores têm a ridícula visão de que os professores universitários envolvem-se em pesquisa e publicação por causa

de um requerimento sob o qual eles “publicam ou perecem”. É verdade que professores não-catedráticos que não se envolvam em pesquisa e que não publiquem o seu trabalho dificilmente manterão os seus empregos. Os académicos, no entanto, não devotam o seu tempo a escrever os seus achados e ideias para publicação para evitar “perecerem”, pois se assim fosse os catedráticos não publicariam, uma posição que descreve muito, muito poucos professores catedráticos. A maioria dos académicos procura publicar o seu trabalho porque sente uma obrigação de contribuir para a expansão do conhecimento no seu campo. A melhor forma de atingir este objectivo é partilhar os resultados dos seus inquéritos tão abrangentemente quanto possível, isto é, publicando-os e, dessa forma, fazendo-os chegar a desconhecidos. Assim sendo, a visão mais adequada seria “comunicar ou perecer”. Para além disso, leccionar e pesquisar não são antitéticos. As ideias que uma pessoa desenvolve em seminários tornam-se frequentemente a base de inquéritos de pesquisa, da mesma forma que estes últimos subsequentemente se tornam no foco das ideias discutidas em seminários.

Leccionar ao nível universitário é, bastas vezes, funcionar como um mentor para aqueles estudantes que aspiram a escrever uma dissertação e depois seguir uma carreira na academia. Há uma considerável satisfação em orientar, em ver os nossos alunos estabelecerem as suas próprias carreiras como professores ou pesquisadores. Com efeito, os nossos alunos acabam por se tornar nossos colegas, parceiros investigadores cujas descobertas frequentemente transportam o trabalho dos seus mentores para novos níveis. É assim que o conhecimento, numa disciplina, se expande e se refina.

Rivalidades

Se orientar e alargar as fronteiras do conhecimento são o lado positivo da vida académica, o lado negativo envolve rivalidades desnecessárias e improdutivas entre académicos do mesmo campo – rivalidades por prestígio, fundos de pesquisa e influência. A maioria dos académicos não se envolve em tais rivalidades, mas aqueles que o fazem tendem a permitir que os seus impulsos competitivos dominem o seu ensino e a sua pesquisa. Tais rivalidades podem ser debilitadoras para aqueles envolvidos nelas e para a disciplina na qual ocorrem. Podem-se tornar debilitadoras porque académicos que seriam neutros são pressionados a tomar partido em relação aos méritos de um ou do outro lado da rivalidade. Boa parte da pressão

vem daqueles que escolheram lados nos debates, mas também é oriunda da imprensa e de entre aqueles cujas profissões poderão ser afectadas pela competição. Na maior parte das vezes, a rivalidade esbate-se noutros assuntos que surgem na ribalta.

Por duas vezes na minha carreira estive envolvido numa rivalidade com colegas. Em ambas as situações tinha responsabilidades administrativas que me levaram a divergir com alguns membros do corpo docente do departamento que não viam a pesquisa como um dos principais aspectos das suas responsabilidades. Numa dessas situações acabei por ser removido do papel administrativo, em boa parte porque era incapaz de encorajar ou recompensar colegas improdutivos cujos relatórios anuais reflectiam mediocridade. Divergimos no equilíbrio entre leccionar e pesquisar, bem como no tipo de pesquisa que evolucionaria a disciplina. Com efeito, a rivalidade – que era ideológica – foi empolada por choque de personalidades. Também serviu para me ensinar que não estava talhado para ser um administrador académico. Com excepção desses breves momentos de improdutividade administrativa tenho, no entanto, sido muito bem sucedido no meu papel académico e acredito profundamente nas expectativas e objectivos das universidades.

Serviço público

Economistas, sociólogos e cientistas políticos têm frequentemente oportunidade de servir ou aconselhar governos. Dependendo dos assuntos envolvidos, aqueles que fazem parte das ciências físicas, história e outras disciplinas são ocasionalmente igualmente procurados por entidades públicas para aconselhamento. A maioria dos académicos responde com prazer a pedidos pela sua presença e conselho e, de facto, alguns até assumem posições governamentais durante breves períodos de tempo.⁵ Cientes de que o conhecimento nos seus campos tem implicações na condução de assuntos públicos, tais académicos ficam lisonjeados pelo facto do seu trabalho ser procurado pelos seus governos e, assim, sentem a obrigação de disponibilizar o seu conhecimento às entidades públicas que buscam o seu aconselhamento. Por outro lado, alguns na academia aderem a uma

⁵ A maioria das universidades tem uma regra que limita licenças sem vencimento para serviço prestado ao governo a dois anos de cada vez.

posição contrária e vêem o serviço público como uma intrusão no seu tempo ou possivelmente como uma distorção dos seus inquéritos se estes forem motivados a ter um impacto a nível do governo. Tais académicos, de entre os quais me incluo, sentem que se o seu trabalho puder ter valor para entidades públicas, chegará aos corredores do governo através quer de antigos alunos, quer de jornalistas que tomaram conhecimento dos seus inquéritos e os usam para servir de base para os seus artigos, ou talvez através de vários outros canais indirectos. Plausivelmente, por exemplo, algumas das observações presentes neste livro seguirão um dos vários circuitos em direcção aos escritórios de entidades públicas.

Novos limites

Mas evitar serviço público não é estar fora de contacto com as transformações em funcionamento no mundo. Pelo contrário, enquanto estudante de assuntos internacionais encontro-me infinitamente a par das mudanças na cena internacional. Mais do que isso, conforme voou sobre oceanos para conferências e conversações, envio e-mails a colegas e estudantes à volta do mundo, e publico trabalhos em línguas que não falo, apercebo-me cada vez mais que os limites da sala de aula entrelaçaram-se nos limites do mundo. Também aqui, no mundo exterior, posso levar a cabo o meu compromisso em trocar ideias e perspectivas. É minha esperança que este livro sirva como uma espécie de quadro, um repositório de ideias que espero que o leitor ache provocantes e úteis.

Conclusão

Com toda a probabilidade muitos leitores irão reprovar a minha inclinação em evitar quer aconselhar, quer servir governos. Se o fizerem, estarão a dar voz à premissa base deste livro. Com efeito, estarão a dizer que as pessoas contam, que o que os indivíduos fazem ou não fazem importa, e que os académicos deveriam assim estar prontos a contribuir com as suas perspectivas directamente para as entidades públicas.

Sempre defini o meu papel de académico menos como um especialista em relações internacionais e mais como um teórico no assunto. Nunca adquiri ferramentas nas dinâmicas de países ou regiões em particular – tornando-me

no que é geralmente conhecido como um especialista de área – mas, ao invés, procurei subir cada vez mais alto naquilo a que chamo a escada de abstracção, de forma a descrever os processos e desafios base que vão sendo revelados em qualquer país ou sistema político. Coerentemente, antes de examinar como é que as pessoas contam nos vários papéis examinados desde o Capítulo 4 até ao 23, nos próximos dois capítulos reverto para o meu papel de teórico de forma a destacar os conceitos centrais que recorrem nos capítulos subsequentes.